

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

INSTITUTO
 Documentação
 06/08/2001 (0 País)
 Data 7/4/2001 p. 4
 Class. TDR 44835

Florestas artificiais

• A fazenda mais rentável do mundo talvez esteja no Espírito Santo, em Aracruz. São 138 mil hectares de florestas artificiais, entremeados por 65 mil hectares de Mata Atlântica, que fornecem a matéria-prima para duas fábricas de celulose. As fábricas produzem 1,3 milhão de toneladas por ano, exportadas em fardos de 250kg, e faturam US\$ 800 milhões. Representam 18% do mercado mundial.

As florestas começaram a ser plantadas em 1968, quando o armador norueguês Erling Lorentz, incentivado por Eliezer Batista, então presidente da Vale do Rio Doce, resolveu aproveitar as vantagens do Brasil para produzir celulose. Há, aqui, abundância de terras relativamente baratas, muita água e sol o ano inteiro, o que faz um pé de eucalipto crescer 11 vezes mais depressa do que no hemisfério norte. Em fevereiro deste ano começou a construção de uma terceira fábrica, que ficará pronta em 2002. É um investimento de US\$ 850 milhões e aumentará a capacidade de produção da Aracruz em 700 mil toneladas por ano, a serem exportadas pelo porto particular da empresa, por onde chegarão, também, os eucaliptos das plantações do sul da Bahia, que atualmente vêm de caminhão.

Toda essa atividade tem origem num gigantesco viveiro, onde foram produzidos 18 milhões de mudas no ano passado e devem ser produzidos 40 milhões este ano, além de grande variedade de mudas de espécies nativas da Mata Atlântica. É uma verdadeira fábrica de florestas.

As mudas são plantadas em tubetes de plástico, recheados automaticamente, por uma máquina, de terra, minerais e adubos. Os tabuleiros com os tubetes são, em seguida, levados para mesas, onde rapazes e moças de excepcional destreza cortam os finos galhos retirados de eucaliptos selecionados, retiram as folhas e enfiam as estacas na terra. Os tubetes com as estacas são colocados num terreno coberto por véus de plástico, onde ficarão 30 dias, até criarem raízes. Três meses mais tarde, já robustos, são plantados no terreno definitivo. O resultado final são lotes de árvores absolutamente idênticas, que serão cortadas em sete anos e, porque dão uma rebrota, podem ser colhidas novamente, em sete anos mais.

A Aracruz já era uma empresa que conservava o meio ambiente muito antes de a ecologia virar moda. Mas os responsáveis pelos programas de conservação não posam de salvadores do planeta. Dizem que o trabalho que fazem é estritamente *business*. A sobrevivência do negócio depende de uma relação amigável com a natureza. Por isso, guardaram uma área de 286ha numa microbacia, onde estudam a relação da floresta plantada com nativa,

a influência dos eucaliptais sobre a composição do solo, sobre a água, sobre a biodiversidade. Fazem isso há 15 anos, em parcerias com universidades, com a Embrapa e com organizações internacionais. Graças a esses estudos, a empresa conseguiu desmistificar alguns mitos associados aos reflorestamentos com eucaliptos. Comprovaram, por exemplo, que os eucaliptos não secam o solo. Conso mem tanta água como a mata nativa e, quando as terras onde foram plantados são utilizadas para outras lavouras, o solo é até mais fértil do que antes. Tampouco cria um deserto. Há, pelos bosques, 250 espécies de aves, sendo 15 classificadas como ameaçadas de extinção, além de macacos, tatus, veados e roedores.

Vivem, nas áreas da Aracruz, cerca de 1.600 índios, sendo 350 guaranis e o resto tupiniquins. Em 1998 a empresa e as comunidades assinaram um acordo pelo qual os indígenas receberiam ao longo de 20 anos R\$ 13,5 milhões, em boa parte destinados a financiar lavouras de milho, feijão e café, que são cultivados com o apoio de técnicos agrícolas da prefeitura.

Fui, com Ivone, a funcionária responsável pelas relações com as aldeias indígenas, visitar os tupiniquins de Comboios. A aldeia fica numa ilhota, onde se chega atravessando o rio de canoa. À primeira vista, não tem nada de índio. São casas de alvenaria, há uma igreja católica, um posto da Funai, um posto de saúde, escolas. Os tupiniquins são caboclos, mestiços de índios com outras raças, branca e negra, como podem se encontrar em qualquer subúrbio de uma metrópole. Perderam a lembrança da língua que originalmente falavam, bem como os rituais antigos e muitas das suas lendas. Como a Funai prevê um ensino bilíngüe nas escolas indígenas, estão procurando reinventar o tupiniquim. Ivone acha a tentativa ridícula. Diz:

— Se tem de ser bilíngüe e ninguém mais fala tupiniquim, deveriam é aprender inglês. Pelo menos teriam melhores oportunidades de trabalho.

Já os guaranis vivem em habitações tradicionais e falam a velha língua geral, o tupi-guarani. Mais do que habitantes das florestas, todos parecem brasileiros pobres, favorecidos por uma assistência melhor do que a das periferias urbanas. Mesmo porque, em Aracruz as florestas são artificiais.